

Um dia, ele levou minha mãe no médico para fazer o pré-natal, ela estava grávida da minha irmã caçula. Ele era branco e ela era de cor. Neste dia, ele conversou com minha mãe, andou bastante com ela, deixou no médico, comprou um pacote e voltou pra casa. No dia seguinte ele saiu, ele era filho único, a mãe dele era cega das duas vistas, deu pra ela um anel de rubi e uma aliança, levou os filhos pra escola, passou pela casa da mãe, entrou no banheiro e tomou formicida. O banheiro era assim fora, quando viram já estava roxo, tinha um guaraná na metade e uma lata de formicida. O bar ficou fechado uns dias mas a nossa vida continuou normal. Até hoje não sabemos porque ele estava angustiado... Um advogado aconselhou vender o bar e compramos uma casa. Minha irmã nasceu um mês depois. Minha mãe sempre foi operária na Rhodia, sempre trabalhou lá, até se aposentar. Ia trabalhar, nós ficávamos sozinhos... os maiores revezavam pra cuidar da menor, os vizinhos ajudavam, não teve muito problema. Minha mãe era enérgica, deixava tarefa pra nós, trabalhava em turnos trocados, às vezes ia trabalhar de noite. Se não fizesse o que ela tinha mandado, ela tirava a gente da cama de noite e batia...

A oportunidade de estudar surge por um golpe de sorte: um colégio de freiras próximo acolhe as crianças da família e lhes oferece ensino gratuito: *“Estudamos num colégio de freiras caro. O colégio era maravilhoso, de umas irmãs franciscanas, no mesmo bairro. Na quarta série, ganhei uma bolsa de estudos e fiz o normal lá. As irmãs davam muito apoio”*.

Ao tornar-se professora, Neide realiza o desejo de uma antiga patroa da avó: *“Minha avó tinha trabalhado na casa de uma professora, e ela queria que minha mãe fosse professora, mas minha avó nunca quis. Daí eu fui fazer”*.

Como vimos, sua experiência docente foi frustrante desde o início: começou como professora substituta, desistiu e foi trabalhar em banco porque precisava do emprego para sobreviver. Mesmo assim, não desiste: enquanto trabalha como bancária, começa a fazer um curso de pedagogia em Suzano, com mais quatro amigas, visando obter melhores condições salariais no magistério: *“Faculdade de fim de semana, né, Maria Helena? Queria fazer pedagogia porque melhorava as chances de professora, em termos de dinheiro mesmo, pra concurso”*.

Depois do banco, foi trabalhar numa creche mantida por uma entidade espírita, inicialmente como professora do maternal e depois como coordenadora; incompatibilizada com a mantenedora, por ameaçar denunciá-la por causa dos maus tratos às crianças, foi despedida tão logo se casou. Continuou morando na zona leste e dava aulas à noite, enquanto o marido, operário ferramenteiro, trabalhava na zona oeste:

Fui trabalhar num colégio de freiras na frente da minha casa, como substituta, e no Mobral, pra não ficar em casa de noite, esperando meu marido. Daí fiz um concurso de escriturária temporária no estado, larguei o Mobral, já estava cheia.

Fiquei como escriturária numa escola estadual e continuei no colégio de freiras, em períodos diferentes e trabalhando com arranjos de horários no estado. Fiz concurso na prefeitura e ingressei. Daí nasceu a minha filha, minha mãe se aposentou e ficava com ela enquanto eu ia trabalhar. Quando ela tinha quatro meses fiquei grávida de novo, foi uma loucura total porque neste tempo eu fui chamada na prefeitura. Ingressei em São Miguel Paulista e morava em Vila Prudente. Viajava quase o dia todo. Depois consegui uma vaguinha perto de casa, fiquei com dois bebês em casa. Mas meu marido trabalhava na zona oeste e queria ir morar lá, mas eu não conseguia vaga. Fiquei excedente numa escola municipal perto de casa e em 82 vim para o Jardim, mas fiquei só quinze dias, pedi licença porque tive outro filho. Antes, passei duas vezes no concurso do estado, mal classificada, só peguei lugar longe. Fiquei fazendo média entre os dois; tirava licença na prefeitura e ia pro estado; faltava aí e voltava pra prefeitura. Os diretores fizeram pressão e daí tirei licença-gestante e depois pedi exoneração do estado.

Como muitas mães no Jardim, Neide não planejou seus dois últimos filhos: a gravidez da segunda ocorreu quatro meses após o nascimento da primeira, causando-lhe um grande transtorno. O terceiro nasceu dois anos depois, contra a sua vontade. Por isso, quando se refere ao grande número de filhos nascidos sem planejamento nas famílias de seus alunos, o faz de modo ambivalente: *“A mãe tem muitos filhos, dá pena destas crianças... Se bem que os meus também são todos seguidinhos...”*.

Como muitas mães no Jardim, ela enfrenta dificuldades na criação dos filhos pela ausência de equipamentos públicos de atendimento à criança e sem poder contar com a ajuda de familiares. Premida pelas oportunidades de trabalho do marido, deslocou-se na cidade, deixando para trás seu bairro de origem e sua mãe. Como muitas mães do Jardim, tem problemas de relacionamento familiar e ressentido de solidão:

Aqui neste bairro pra onde eu mudei, pensei que ia ter ajuda da minha sogra, mudei por isso. Mas ela começou a reclamar dos meus horários. No quintal, tinha a mãe, a avó e a bisavó do meu marido. Minha sogra falou: “Assim não dá mais, não vou ficar com as crianças, você não precisa mais trabalhar, o João está ganhando bem.” Meu marido queria que eu ficasse em casa mas não consigo ficar em casa o dia todo, fico num estado de nervos! Uma que detesto o lugar que moro; outra que não gosto da minha sogra, de cunhada por perto, da vizinhança. Não tenho amizade com ninguém, me sinto isolada.

Como muitas mães no Jardim, foi vítima da precariedade dos serviços públicos de saúde:

Depois de oito meses de casada, fiquei grávida mas caí e perdi. Quando cheguei no Hospital Municipal, os médicos me viram chorando e diziam: "você cutucam, cutucam e depois ficam aí chorando." Fizeram curetagem e aí não engravidei mais. Depois de dois anos de casada, não engravidava, precisei fazer um tratamento. Quando engravidei do menino (o terceiro filho) fiquei desesperada, chorava, não queria, mas não tive coragem de abortar, fiquei traumatizada com o primeiro aborto. Não usei mais a prefeitura, o serviço médico lá é horrível, um monte de estagiários, todo mundo cutuca, é tanto toque que dilata e a gente nem pode ir embora. Meu filho nasceu num hospital do convênio do meu marido. Foi cesariana, ele era muito gordo, puxaram pelo braço e torceu, ele ficou com uma paralisia no braço esquerdo. Daí foi uma luta: AACD três vezes por semana, natação, fisioterapia particular, já pôs três aparelhos e faz exercício em casa pra obrigar a usar o braço esquerdo. Eu não queria o Fernando, me senti culpada, mas agora ele já está bom.

Como ocorria com muitas famílias no Jardim, o fantasma do desemprego rondava a casa de Neide em 1983:

Meu marido começa hoje o aviso prévio. Tem doze anos de casa. Nesta região está muito difícil serviço, os operários estão aceitando aumentos menores mas o sindicato é forte. A firma está dispensando desde maio, o patrão gosta muito dele, ele já deu aula de ferramentaria no Senai, está sempre fazendo cursos, mas é bem conformado, não reivindica. Querem que ele fique se abrir mão de 30% do aumento, mas ele não fez acordo, vai receber tudo o que tem direito e até maio só 25% de aumento. Só continua se as coisas melhorarem para a empresa. A escola que ele trabalhava fechou com o ordenado atrasado cinco meses e a fábrica acabou com hora-extra.

Neide mora numa casa modesta num loteamento situado a aproximadamente dezoito quilômetros de seu local de trabalho. Em 1983, ela e o marido esperavam a liberação do Fundo de Garantia deste para fazer reparos na casa.

Apesar desse quadro, Neide faz questão de nos dizer que trabalha por opção e não por necessidade, pois o marido ganha bem (cerca de sete salários mínimos, em 1983). Dessa perspectiva, fica sem explicação o acúmulo de empregos no estado e no município, o que lhe impõe grandes sacrifícios. Na verdade, Neide esforça-se para evitar sua identificação como uma pessoa pobre. Portadora de sentimentos de insegurança e de desvalor, defende-se negando sua condição social. Quando nos fala da avó cozinheira, imediatamente ressalva: "mas era cozinheira do Laudo Natel". O fato de ter conseguido formar-se professora a torna especialmente vulnerável à propaganda liberal: acredita na igualdade de oportunidades, no esforço e na honradez como passaportes para a ascensão social, o que fica claro quando tece comentários sobre as causas do fracasso escolar das crianças pobres;

após atribuir a principal responsabilidade à mobilidade geográfica das famílias ("mudam demais, são incríveis, parecem nômades"), ao número excessivo de filhos decorrente da irresponsabilidade das mulheres ("é pior que coelho, elas não se preocupam... é questão de cuca fresca") e às faltas frequentes no primeiro período por preguiça das mães ("faltam muito, principalmente de manhã, porque não levantam, a mãe não lembra"), estabelece comparações com sua própria infância, tendo o cuidado de marcar bem as diferenças:

Não é tanto a criança. Se o pai dá uma orientação boa... Nós éramos pequenos, minha mãe deixava um nenezinho com a gente. Eu cuidava dos meus irmãos, dava neles, queria ser a dona da casa (...). Minha mãe era exigente, deixava atividade para cada um, tirava da cama, batia. Eu também obrigo minhas filhas a arrumar a cama de manhã. Minha mãe fez assim comigo e me virei bem, me dei muito bem.

Além da ênfase no esforço individual como caminho para o sucesso, Neide explica acontecimentos e pessoas que a cercam a partir de uma matriz na qual predominam crenças, valores e expectativas do senso comum. À medida que vai nos apresentando cada um de seus alunos, vai oferecendo pistas das expectativas e valores que a orientam em sua relação com eles. É importante notar que, em meio à predominância de critérios absolutamente imersos na cotidianidade, o bom senso e a crítica ao senso comum irrompem aqui e ali, instaurando em seu discurso a possibilidade de superar, pelo exercício da capacidade reflexiva, a cegueira imposta pela ideologia e o autoritarismo que ela legitima.

Reflexos num olho ambíguo

Embora muitos dos pareceres de Neide sobre seus alunos¹ falem por si e embora sejam várias as possibilidades de interpretá-los, vamos destacar algumas passagens pela clareza com que revelam aspectos importantes da "cultura da escola", tanto no que diz respeito a expectativas e valores que subjazem ao julgamento de modos de existir, quanto no que se refere a concepções sobre causas das dificuldades de aprendizagem que circulam na escola e determinam muitas das medidas tomadas.

Chama a atenção a maneira como Neide se refere às famílias que valoriza: "certinha", isto é, legalmente constituída, nuclear completa, na qual a mulher desempenha com esmero seu papel de dona de casa; a este respeito, note-se a

1. A professora falou à pesquisadora sobre "como é" cada um de seus alunos, seguindo a ordem alfabética do diário de classe, em outubro de 1983. A entrevista não foi gravada mas anotada, o que levou à perda de dimensões importantes do discurso que certamente teriam enriquecido as possibilidades de análise. Seus depoimentos encontram-se no Anexo 4.